

Em matéria de diversão, o Lago Paranoá é como os poemas barrocos — que falam sobre dualidades como *o bem e o mal e o céu e o inferno*. Pode ser comparado também a uma moeda, com seus dois lados distintos. Nos 37,5 quilômetros quadrados de sua superfície, o Lago concentra empreendimentos bem sucedidos e fracassados. Para citar alguns exemplos: o Pier 21 é o trigo; o Projeto Orla, o joio.

Uma das decepções é a *Concha Acústica*. A julgar pelo abandono em que se encontra, faz tempo que o local não recebe um show de algum artista. Uma das últimas apresentações de um cantor de renome foi em 5 de agosto do ano passado, quando Djavan levou mais de 6 mil pessoas ao lugar. Hoje, a Concha está entregue às moscas. O lodo provocado por água de chuva cobre os 200 bancos de alvenaria. Alguns estão com a estrutura de ferro exposta e o concreto danificado na base de sustentação.

O palco, os camarins e a casa de controle de luz e som estão pichados e depredados. Ao redor, o mato cresce livremente. Essa *visão do inferno* contrasta com a fabulosa vista do Lago, ao fundo. “É um lugar bonito, mas bastante mal cuidado. Da última vez que vim a Brasília, em 1996, isso aqui estava melhor”, observa a matemática alemã Hildegard Söllner, 42 anos.

Por trás do palco da *Concha*, mais descaso. O calçadão à margem do Lago, resquício do que um dia foi o *Projeto Orla* está à míngua. Das tendas que funcionavam como bares, só sobrou a estrutura metálica. Os quiosques estão arrombados. Nos banheiros, a situação é pior: algumas portas e janelas foram roubadas; os vidros, quebrados; e no chão, por onde passeiam gordas ratazanas, misturam-se seringas usadas, lixo e fezes.

O deputado distrital Rodrigo Rollemberg (PSB) desferiu críticas pesadas à situação em que se encontra o local. Ele pode ser considerado *o pai da criança*, uma vez que o *Projeto Orla* começou a ser construído em 1997 e foi inaugurado em 1998, na gestão dele frente à Secretaria de Turismo do DF, no governo petista de Cristovam Buarque. “O abandono é em função de questões políticas. É uma iniciativa que agrada a toda sociedade, gera empregos, diversão e desenvolvimento para o turismo da cidade. Esse descompromisso só prejudica Brasília.”

O administrador do Lago Sul, Marcelo Amaral, que também é um dos coordenadores do *Projeto Orla* no governo Roriz, rebate as acusações e diz que a iniciativa é bem sucedida. Segundo ele, nos últimos três anos, foram realizadas várias obras dentro do cronograma do projeto, como a construção do hotel Blue Tree Towers e da terceira ponte do Lago, a revitalização da Ermida Dom Bosco (concluída) e do Pontão (em andamento), a despoluição das águas do Paranoá, e o incremento do turismo náutico. “Não se pode alterar a situação da noite para o dia. A mudança ocorrerá a médio prazo. E não adianta o governo querer fazer tudo sozinho. Tem que buscar parcerias na iniciativa privada para garantir lazer para o brasileiro às margens do Lago.”

Essa é a mesma opinião do presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal, Lourival Dantas, que defende que o governo passe para o setor privado a responsabilidade de cuidar do entretenimento nas margens do Paranoá. “Quando ações desse tipo ficam a cargo da iniciativa pública, não dão certo, por falta de recursos e leniência do governo em fiscalizar e preservar o patrimônio. O setor privado tem verba para investir e é rigorosamente cobrado em uma série de requisitos fiscais, urbanísticos e de segurança. Por isso tem que assumir as rédeas do negócio.”

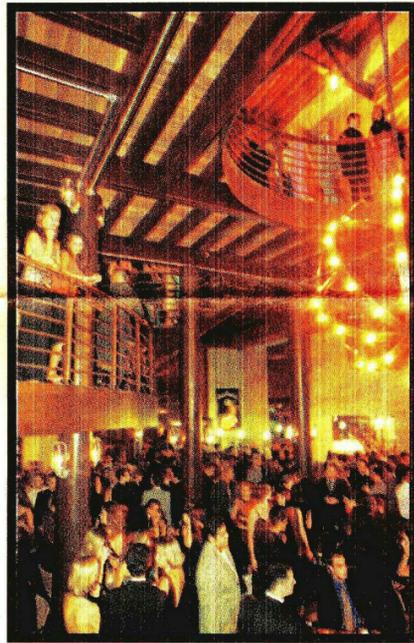
O **Correio** entrou em contato com a Agência de Turismo do DF (Adetur); a secretária de Cul-



BAY PARK

O primeiro parque aquático de Brasília, pode receber até cinco mil visitantes por dia. Inaugurado em outubro, próximo à Vila Planalto, o lugar é parte de um empreendimento que custou R\$ 12 milhões e engloba ainda casa de show e hotéis: opção de divertimento para as crianças

Nehil Hamilton 28.11.01



PIER 21

O complexo de entretenimento do Pier é uma das iniciativas privadas que deram certo às margens do Paranoá

As duas faces do Lago

tura do DF, Luiza Dornas; e o administrador de Brasília, Antônio Gomes, mas não obteve retorno.

O EXEMPLO DO PIER

Entre as coisas que deram certo, o *Pier 21* é o exemplo mais notório. Ao lado do shopping center, freqüentado quase que exclusivamente pela juventude brasiliense, formou-se uma espécie de complexo gastronômico e de diversões. Tem o restaurante Porcão, a churrascaria em estilo americano Road House, o espaço ASES.

“Há uma grande discussão em torno da legalidade do Pier, do ponto-de-vista urbanístico, uma vez que alguns especialistas afirmam que o prédio fere o tombamento de Brasília. Mas isso são outros quinhentos. É inegável que essa área é um exemplo de empreendimento bem sucedido à beira do Lago”, observa a arquiteta Cristina Limeira, 38.

O presidente da seccional do Instituto dos Arquitetos do Brasil no Distrito Federal (IAB/DF), Sérgio Brandão, comenta que empreendimentos como o *Pier 21* (apesar de duramente criticado, sob o aspecto arquitetônico) dão certo por terem infra-estrutura completa a serviço do visitante. Para ele, esse motivo, às avessas, explica o fracasso do *Projeto Orla*. “Só boteco com vista para o Lago Paranoá não funciona. É preciso reformar os bares, melhorar o acesso, aumentar a segurança e o policiamento, e depois disso tudo tem que cuidar do local. Fazer obras e não pre-

Carlos Moura 23.12.01



CONCHA ACÚSTICA

Turistas observam o abandono: palco, camarins e casa de controle de luz e som depredados. Teatro ao ar livre entregue às moscas

Carlos Moura 23.12.01



PROJETO ORLA

Calçadão exibe as estruturas danificadas que antes funcionavam como bares à beira do Lago. Descaso revolta ex-freqüentadores

servá-las não adianta”, opina.

Inaugurado em 7 de março de 1985, o Museu de Arte de Brasília (MAB) ressurgiu das cinzas, como o mitológico pássaro fênix. Foi reformado recentemente e ganhou novos ares. Tratamento paisagístico, pintura na fachada e novas esculturas do lado de fora do prédio revigoraram a imagem do museu. “Ainda bem que tomaram providências para reformar esse ambiente, que estava bastante danificado. Afinal, o lugar que é sede do museu da capital do país tem mesmo que ser bem cuidado”, diz o universitário Flávio Monte, 23.

GLAMOUR

Outros empreendimentos imunes à derrota são os clubes. Eles nasceram junto com Brasília e marcam a história de Brasília com suas trajetórias de *glamour* e prestígio, em uma cidade cuja população se queixa constantemente da falta de opções de lazer. Essa é a explicação óbvia para o sucesso dos clubes. Entre eles, o da Associação dos Servidores do Banco Central (Asbac), o late Clube de Brasília, o Clube do Exército, o Minas Tênis Clube e o da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). “Clube dá certo porque tem que dar mesmo. A gente não tem muito o que fazer aqui. Então os clubes acabam sendo a salvação”, diz o universitário Patrick Valverde, 20, freqüentador do Clube do Exército.

Exemplo de investimento da iniciativa pública à beira do Lago que deu certo, o Parque Eco-

lógico da Ermida Dom Bosco foi reinaugurado em agosto, para comemorar os 118 anos de Dom Bosco e o aniversário do Lago Sul. A reforma definiu o tamanho exato do parque, que foi cercado para ter maior segurança, e aumentou a área para estacionamento. Além disso, foram construídas três novas praças, uma ciclovia, um anfiteatro e um pier para barcos.

Os visitantes podem ainda usufruir de uma trilha ecológica pela área ambiental do parque, toda sinalizada. O parque também ganhou nova iluminação e banheiros públicos. “Agora, o parque ficou bem mais atrativo e seguro, diferente de alguns meses atrás”, fala a dona-de-casa Rita de Cássia Prado, 34.

Próximo à Vila Planalto, o *Bay Park* — primeiro parque aquático de Brasília — demonstra o interesse da iniciativa privada em investir pesado no Lago Paranoá. Inaugurado em outubro, o parque faz parte de um empreendimento de R\$ 12 milhões, que também engloba hotel, apart-hotel e casa de shows. O local recebe um público médio de 1,5 mil pessoas em cada dia do fim de semana, mas tem capacidade de abrigar até 5 mil pessoas. “Apesar de ser um empreendimento de alto risco, pois dependemos de sol, estamos satisfeitos. O Lago Paranoá está para Brasília assim como o mar para o Rio de Janeiro. É um excelente lugar para se investir”, afirma um dos sócios-proprietários do parque, Sebastião Correia.